

Clubes de leitura: espaços para a conscientização e socialização feminista¹

Andrea Vides de Dios²

Resumo: Este artigo explora o papel dos clubes de leitura feministas emergentes na Catalunha. Embora a literatura anterior tenha analisado os clubes de leitura tradicionais como espaços de refúgio e debate entre mulheres, pouco se tem examinado o potencial transformador daqueles explicitamente feministas. A partir de uma lógica de pesquisa ativista feminista, o estudo combina o mapeamento de 82 clubes com trabalho de campo etnográfico em vários deles, incluindo um criado e acompanhado pela autora durante três anos. Os resultados mostram que esses espaços não apenas promovem o encontro entre mulheres de diferentes gerações, ideologias e trajetórias, mas também favorecem processos de conscientização feminista e a construção de comunidades críticas e agradáveis em torno da leitura. Dessa forma, o artigo enriquece a compreensão de como a prática coletiva da leitura pode potencializar o ativismo feminista.

Palavras-chave: Clube de leitura feminista, Conscientização feminista, Sociabilização feminista, Leitura coletiva, Ativismo feminista, Pesquisa ativista, Estudos de gênero

Clubes de lectura: espacios para la concienciación y sociabilización feminista

Resumen: Este artículo explora el papel de los clubes de lectura feministas emergentes en Catalunya. Aunque la literatura previa ha analizado los clubes de lectura tradicionales como espacios de refugio y debate entre mujeres, apenas se ha examinado el potencial transformador de aquellos explícitamente feministas.

¹ Texto traduzido para o português por Francisco Vítor Macêdo Pereira. Professor de Filosofia do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB. Licenciado em Letras-Espanhol pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6113552731314123>. E-mail: vitor@unilab.edu.br.

² Mestra em Estudos Feministas e de Gênero pela Universidade do País Basco.

Desde una lógica de investigación activista feminista, el estudio combina el mapeo de 82 clubes con trabajo de campo etnográfico en varios de ellos, incluido uno creado y acompañado por la autora durante tres años. Los resultados muestran que estos espacios no solo propician el encuentro entre mujeres de generaciones, ideologías y trayectorias diversas, sino que también favorecen procesos de concienciación feminista y la construcción de comunidades críticas y placenteras en torno a la lectura. De este modo, el artículo enriquece la comprensión de cómo la práctica lectora colectiva puede potenciar el activismo feminista.

Palabras clave: Club de lectura feminista, Concienciación feminista, Sociabilización feminista, Lectura colectiva, Activismo feminista, Investigación activista, Estudios de Género

Preâmbulo: O primeiro dia

Era uma sexta-feira de outubro de 2022. Todas as quinze vagas disponíveis estavam preenchidas. As bibliotecárias haviam comentado como era incomum começar com um grupo completo. Normalmente, outros clubes de leitura se formavam por meio de indicações durante o ano letivo, mas parecia que o novo clube de leitura feminista havia gerado interesse imediato. Depois da surpresa e da empolgação iniciais, achei que era de se esperar. Afinal, não estava acontecendo a mesma coisa com os outros clubes de leitura feministas que eu estava pesquisando para minha tese de doutorado? Mas este clube era diferente para mim. Eu iria liderá-lo e organizá-lo na minha cidade, uma cidade na região de Lleida³, sem associações ou grupos feministas ativos, mas que, aparentemente, tinha pessoas interessadas em feminismo.

Cheguei bem antes do horário marcado, um pouco nervosa. Os bibliotecários já tinham organizado dezesseis cadeiras em círculo na sala de armazenamento. Então, tudo o que eu precisava fazer era sentar e esperar quem tivesse se inscrito. Eu tinha um roteiro do que ia dizer, um caderno e uma caneta que acabei não usando. Na verdade, o que eu tinha para dizer naquela primeira reunião, ainda sem um livro para discutir, era simples: a cada mês eu sugeriria um livro para discutirmos no mês seguinte. O desafio era nos apresentarmos e começarmos a criar um ambiente amigável para o diálogo.

³ A província de Lleida (ou Lérida), uma das quatro províncias da Catalunha, nordeste da Espanha, na Península Ibérica.

Aos poucos, as quinze pessoas, todas mulheres, que haviam manifestado interesse em participar do clube foram chegando. A maioria eram conhecidas, até mesmo amigas minhas; outras, não. Como eu descobriria nos meses seguintes, algumas vinham de cidades próximas. Ficou claro que éramos um grupo bastante diverso, principalmente considerando a idade das participantes. Enquanto as mais jovens tinham, como eu, por volta dos vinte anos, outras se aproximavam dos setenta. Relaxei ao ver o bom humor ao sentarem.

Depois de detalhar as datas dos encontros, os diversos tópicos a serem abordados e destacar que leríamos de tudo, desde ensaios a romances góticos e quadrinhos feministas, era hora de nos conhecermos e criarmos um ambiente acolhedor. Ocorreu-me que seria interessante, e sem risco de conflito, perguntar-lhes quando tinham ouvido falar de feminismo pela primeira vez. Enquanto algumas respostas começaram a criar conexões, outras, contrariando todas as minhas expectativas, despertaram ressentimento. Mudando o foco da minha pergunta, uma mulher comentou que se sentia mais confortável rodeada de homens, outra criticou como o feminismo atual estava hipersexualizando suas alunas, e outra ainda disse que não tinha certeza se ficaria, pois ainda precisava decidir se se considerava feminista.

No fim, ela ficou. Todas ficaram. Em última análise, aquelas que se inscreveram, tanto as convencidas quanto as não tão convencidas, estavam lá porque queriam dar uma chance à literatura feminista e às suas discussões em grupo. Com o tempo, debate após debate e leitura após leitura, as sessões se tornaram uma oportunidade para ouvir umas às outras, questionar e até mesmo desafiar pressupostos considerados naturais. Até hoje, apesar de nem sempre concordarmos, com seus altos e baixos, as conversas literárias serviram para construir argumentos, dismantelar outros e, em suma, gerar consciência feminista e um espaço para socialização crítica e prazerosa por meio da literatura.

Enquanto escrevo estas linhas, estamos prestes a começar a quarta edição do clube. Somos praticamente o mesmo grupo do primeiro ano, com algumas saídas devido a conflitos de agenda, mas a maioria de nós continua a se procurar e a se encontrar mensalmente. Após essa jornada, o potencial transformador da leitura coletiva se desdobra como uma esperança e uma realidade.

Introdução

Nas últimas décadas, os clubes de leitura se tornaram uma prática cultural vibrante na Catalunha. Esses grupos geralmente são compostos por quinze a vinte membros que se reúnem mensalmente, de setembro/outubro a maio/junho, para discutir um livro previamente escolhido em conjunto com o facilitador. Embora as bibliotecas públicas tenham sido seu cenário original e continuem sendo o local de encontro mais comum, nas últimas décadas os clubes de leitura diversificaram seus temas, públicos e locais de reunião. No entanto, apesar de sua ampla presença e dinamismo, eles receberam pouca atenção acadêmica. Em particular, o surgimento de clubes de leitura feministas nos últimos anos levanta novas questões sobre como a leitura coletiva pode ser integrada às práticas de conscientização e ação feministas.

Diversas autoras (HOWIE, 1998; LONG, 2003; REHBERG SEDO, 2004) abordaram, sob uma perspectiva feminista, as razões que motivam as mulheres a participar de clubes de leitura. Essas autoras concordam que as mulheres, apesar de terem menos tempo livre, frequentam esses espaços com mais frequência porque eles oferecem um refúgio onde podem se definir e imaginar modelos femininos positivos por meio da leitura e da interação em grupo. Embora esses clubes às vezes não se identifiquem como feministas ou se envolvam em ações políticas formais, a dinâmica do grupo fomenta a autoconfiança das mulheres e a capacidade de se expressarem, o que pode contribuir para uma maior consciência social.

Nesse contexto, o artigo parte da questão geral do papel que os clubes de leitura feministas na Catalunha desempenham na sociabilidade e na conscientização feministas. Especificamente, explora como esses clubes se estruturam no contexto catalão, quais experiências e motivações expressam e como a leitura coletiva se torna uma prática de conscientização feminista, autocrítica e transformação social.

Esta pesquisa se enquadra em uma abordagem qualitativa e em uma lógica de pesquisa feminista ativista (BIGLIA, 2007). Ela combina o mapeamento de 82 clubes de leitura feministas na Catalunha durante o ano letivo de 2024-2025 com uma pesquisa com facilitadoras e trabalho de campo etnográfico em diversos clubes — um dos quais foi criado e facilitado pela autora como um projeto de pesquisa-ação. Essa abordagem situada permite uma compreensão

dos clubes “a partir de dentro”, como espaços vibrantes de diálogo e transformação coletiva.

O artigo está estruturado da seguinte forma: primeiro, contextualiza a expansão dos clubes de leitura feministas e sua relação com o movimento feminista contemporâneo. Segundo, examina a feminização das práticas de leitura nas comunidades e suas implicações simbólicas. Terceiro, analisa a dinâmica desses clubes como espaços heterogêneos de aprendizagem e reflexão coletiva. Quarto, explora como a leitura pode ser autocrítica e prazerosa, transcendendo os limites da subjetividade individual. Por fim, apresenta uma recapitulação das ideias, sintetizando as descobertas e avaliando possíveis linhas de pesquisa futuras.

Esta pesquisa faz parte da minha tese de doutorado em andamento no programa de Estudos Feministas e de Gênero da Universidade do País Basco (UPV/EHU) e inclui os resultados da minha pesquisa anterior no âmbito da dissertação de mestrado em Estudos Feministas e de Gênero da UPV/EHU.

Contexto dos clubes de leitura no Estado espanhol

Na Espanha, a leitura era uma prática acessível apenas à parcela mais privilegiada da população até tempos relativamente recentes. O processo de alfabetização avançou em ritmo mais lento do que em outros países europeus (Espigado Tocino, 1990), e somente em 1887 a porcentagem de pessoas com mais de dez anos de idade que não sabiam ler nem escrever começou a diminuir lentamente, passando de 65% para 52% dos homens e 77% das mulheres (Vilanova Ribas; Moreno Juliá, 1992).

Em seu zelo pela modernização, as autoridades do século XIX promoveram tímidas reformas educacionais, como a Lei Moyano de 1857, que regulamentou pela primeira vez o ensino fundamental obrigatório e universal para crianças de 6 a 9 anos (Sevilla Merino, 2007). Este esforço adotou uma abordagem diferenciada para as meninas, pois sua educação era entendida como uma questão privada, e não pública, priorizando seu desenvolvimento moral em detrimento da instrução acadêmica e estabelecendo um currículo separado (BALLARÍN DOMINGO, 1989).

Emilia Pardo Bazán, uma das figuras mais proeminentes na luta pelo direito das mulheres à educação durante esse período, afirmou em seu ensaio “La mujer española” (A Mulher Espanhola), publicado em 1889, que “para o espanhol, por mais liberal e avançado que seja, não hesito em dizer, o ideal feminino não está no futuro, nem mesmo no presente, mas no passado” (PARDO BAZÁN, 1999, p. 87), demonstrando como até mesmo os homens mais progressistas desejavam que o papel da mulher permanecesse tradicional.

Assim, em 1930, enquanto o analfabetismo masculino havia caído para 24%, o analfabetismo feminino ainda se mantinha em 40% (Vilanova Ribas; Moreno Juliá, 1992). No entanto, o aumento progressivo do público leitor a partir da segunda metade do século XIX, embora predominantemente masculino e urbano, levou ao que alguns autores chamaram de revolução da leitura (Wittmann, 1998).

Esse novo público coincidiu, por sua vez, com grandes transformações tecnológicas que permitiram às editoras aumentar as tiragens de materiais escritos a um custo reduzido (De los Reyes Gómez, 2018). “Pela primeira vez, a sociedade fora da aristocracia teve tempo, luz à noite e algum dinheiro para comprar livros” (ARANA PALACIOS; GALINDO LIZALDRE, 2009, p. 20). Essa transição rumo à democratização do acesso à leitura atingiu seu ápice durante a Segunda República (1931-1936) com a promoção de bibliotecas escolares e municipais em áreas rurais, bem como outras iniciativas privadas, como feiras de livros e livrarias itinerantes percorrendo diferentes cidades (MARTÍNEZ RUS, 2005).

Como consequência da diversificação do público leitor e do aumento do material de leitura disponível, a relação entre os dois adquiriu uma nova perspectiva. Passou da leitura oral intensiva de textos sagrados, selecionados pelos poderes eclesiásticos e governamentais, para a leitura extensiva, individual e não guiada de diversos textos (MARTÍNEZ MARTÍN, 2005). Embora reconhecendo que a literatura oral, transmitida principalmente por mulheres, já criava espaços de transmissão e diálogo comunitário entre as classes populares (JULIANO CORREGIDO, 1992), do final do século XVIII ao primeiro terço do século XX, a dessacralização da literatura escrita fomentou a consolidação de outra forma de socialização literária: as tertúlias (encontros literários), um dos fenômenos mais importantes no desenvolvimento cultural da Espanha moderna (GELZ, 1999).

As tertúlias eram reuniões informais realizadas tanto em espaços privados, como salões e academias, quanto em espaços públicos, como cafés. Nessas reuniões, discutiam-se temas como literatura e outras artes, política, ou simplesmente jogos e passatempos. Contudo, embora as mulheres por vezes organizassem encontros privados, sua participação era frequentemente rejeitada (PÉREZ SAMPER, 2002). A poetisa e romancista Rosalía de Castro, em sua Carta a Eduarda, de 1865, escreveu:

Se você vai a uma tertúlia e fala sobre algo que conhece, se se expressa mesmo que com uma linguagem minimamente correta, te chamam de sabe-tudo, dizem que você só ouve a si mesmo, que quer saber de tudo. Se você mantém uma reserva prudente, que vaidade! Que orgulho! Você se recusa a falar com pessoas de outros gêneros literários. Se você se torna modesto e, para evitar entrar em discussões vãs, deixa passar despercebidas as perguntas com que te provocam, onde está o seu talento? Você nem sabe como entreter as pessoas com uma conversa agradável (DE CASTRO, 1865, p. 57).

Foi somente nas décadas de 1920 e 30 que a presença de algumas mulheres em espaços culturais aumentou. Na Catalunha, o Club Femení d'Esports foi fundado em 1928 e o Lyceum Club de Catalunya em 1929 (BORRELL-CAIROL, 2017). Esses eram lugares que promoviam o modelo da mulher moderna, um conceito de mulher liberal e culta, com ideais de emancipação no ambiente de trabalho, que Ángeles Santos representa na pintura *Tertulia* (1929) através de quatro figuras femininas de cabelos curtos sentadas em círculo, lendo e fumando (BARRERA LÓPEZ, 2014). Especificamente, foi pintada nove anos depois da obra *La tertulia del Café Pombo* (1920)⁴, na qual José Gutiérrez Solana retratou a sede do círculo literário frequentado pela vanguarda espanhola no Café Pombo, composto inteiramente por homens⁵. A presença, ainda que minoritária de mulheres em espaços culturais, educacionais e associativos durante a década de 1920 contribuiu para sua organização política, cívica e sindical durante a década de 1930, inclusive durante a Guerra Civil (BORRELL-CAIROL, 2017). Por outro lado, o início da ditadura franquista em 1939 significou, por um lado, a expulsão das mulheres da esfera pública e, por outro, a destruição do patrimônio biblio-

4 A pintura “La tertulia del Café de Pombo” de José Solana está exposta na coleção “La santa bohemia. Madrid, Paris, Barcelona” do Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía. A obra pode ser visualizada virtualmente no seguinte enlace: <https://www.museoreinasofia.es/coleccion/obra/tertulia-cafe-pombo>

5 Os homens que José Solana representa são Gómez de la Serna, de pé, ao lado do próprio Solana, e sentados, Manuel Abril, Mauricio Bacarisse, Tomás Borrás, José Bergamín, José Cabrero, Pedro Emilio Coll e Salvador Bartolozzi.

gráfico por meio da queima, expurgo e censura de livros (MARTÍNEZ RUS, 2017). Consequentemente, torna-se mais difícil rastrear a prática dialógica da leitura, uma vez que esta teve de adotar uma abordagem clandestina. A escritora Ana María Matute descreveu suas tertúlias da seguinte forma:

Bebíamos, conversávamos, líamos e depois contávamos uns aos outros o que tínhamos lido. Era a época das grandes descobertas. Toda a Geração Perdida americana — Faulkner, Hemingway, Scott Fitzgerald, Dos Passos — e os franceses, claro, era o seu momento: Sartre, Camus, Simone de Beauvoir. Quase todos eles eram proibidos. Eu os encontrava no porão de um sebo na Rua Provença, em Barcelona, sempre que conseguia escapar. (MATUTE, citado em ARANA PALACIOS; GALINDO LIZALDRE, p. 28, 2009).

Os clubes de leitura surgiram em meados da década de 1980 (Arana Palacios, 2016), após a morte do ditador Franco e o início da transição para a democracia. Especificamente, esses clubes foram impulsionados por conversas entre bibliotecários que buscavam revitalizar suas bibliotecas após a estagnação causada pela ditadura franquista (Calvo Alonso-Cortés, 2007). Acredita-se que os primeiros clubes de leitura tenham surgido em 1985, simultaneamente nas Bibliotecas Populares de Madri e Guadalajara, dirigidas por Alicia Girón García e Blanca Calvo Alonso-Cortés, respectivamente (Calvo Alonso-Cortés, 2002). Seus objetivos incluíam promover hábitos de leitura e pensamento crítico, além de tornar as bibliotecas conhecidas como uma fonte de informação, entretenimento e educação para a comunidade (NAVARRO ÁLVAREZ, 1993).

Nesse contexto, diferentemente dos exemplos anteriores de espaços de discussão literária — que eram masculinos e urbanos — os clubes de leitura em bibliotecas atraíram mulheres de origem operária desde o início, tanto em cidades grandes quanto em pequenas cidades. Já em 2000, durante o primeiro encontro nacional de clubes de leitura realizado em Guadalajara, constatou-se que a integrante típica de um clube de leitura era uma mulher de meia-idade com níveis de leitura de baixo a médio (ALONSO et al., 2000).

Um excelente exemplo disso é a Biblioteca Pública de Cuenca. Em 1987, a biblioteca realizou uma pesquisa que revelou que pessoas com mais de 30 anos, especificamente donas de casa, mulheres desempregadas e aposentadas, eram as que menos utilizavam os serviços da biblioteca. No entanto, quando a primeira “oficina de leitura” começou naquele mesmo ano, suas participantes

eram quase exclusivamente mulheres com níveis de escolaridade baixo e médio, geralmente donas de casa entre 30 e 60 anos (MARLASCA GUTIÉRREZ, 1993). Após a virada do século, embora o perfil das participantes continuasse sendo feminino, elas passaram a apresentar um nível de escolaridade mais elevado (ÁLVAREZ-ÁLVAREZ, 2016). A mudança no nível de escolaridade pode estar ligada à introdução, em 1990, do acesso obrigatório ao ensino superior (LOGSE, Lei Orgânica 1/1990). Nesse sentido, esses dados podem nos ajudar a confirmar que, além de uma possível motivação para a formação acadêmica ou cultural, as mulheres tinham e ainda têm outros motivos para manter a prática da leitura e do compartilhamento do que leram em grupo.

Atualmente, milhares de mulheres, e em menor escala homens, reúnem-se mensalmente em bibliotecas públicas por toda a Espanha para ouvir e compartilhar suas interpretações de um livro. Com base em dados coletados antes da pandemia de coronavírus, a Pesquisa de Hábitos e Práticas Culturais na Espanha (INE, 2022) especifica que, durante o ano letivo de 2018-2019, 5,1% das mulheres e 3,0% dos homens participaram de um clube de leitura ou escrita. A proposta inicial das Bibliotecas Populares de Madrid e Guadalajara, em meados da década de 1980, ganhou ampla adesão e, sob os auspícios das bibliotecas públicas, espalhou-se por praticamente todas as comunidades autônomas da Espanha em menos de uma década (JIMÉNEZ GUERRA, 2005). Na Catalunha, o fenômeno dos clubes de leitura está altamente consolidado, mais do que em outras partes da Espanha. Em 2017, 93,9% das bibliotecas públicas da Catalunha gerenciavam, em média, 3,14 clubes por biblioteca e, seguindo a tendência geral, 87,4% dos clubes de leitura para adultos eram compostos predominantemente por mulheres (BALDAQUÍ, 2019).

Assim, graças aos avanços na alfabetização e no acesso à educação, a leitura deixou de ser uma atividade reservada às elites alfabetizadas e tornou-se, nas últimas décadas, uma prática acessível e difundida também para mulheres, classes populares e pessoas em áreas rurais. Além disso, as bibliotecas públicas, por meio de clubes de leitura, desempenham um papel fundamental na consolidação de espaços de socialização da leitura para esses grupos tradicionalmente excluídos dos espaços culturais.

Metodologia

A metodologia deste estudo enquadra-se numa abordagem qualitativa feminista e deriva de uma lógica de investigação feminista ativista (BIGLIA, 2007). O meu objetivo não foi apenas descrever os clubes de leitura feministas na Catalunha, mas compreendê-los a partir de dentro, como espaços vibrantes de diálogo, aprendizagem e transformação coletiva. O processo baseou-se, em primeiro lugar, no mapeamento dos clubes de leitura feministas ativos na Catalunha durante o ano letivo de 2024-2025, que identifiquei através da sua presença nas redes sociais e em *websites*. Através deste mapeamento, registei oitenta e dois clubes ativos, que classifiquei de acordo com o seu município e tipo de organização – biblioteca pública, livraria, associação feminista ou outros espaços culturais. Decidi não incluir espaços de natureza privada ou de acesso restrito, pois estava interessada em analisar espaços abertos à comunidade e com um propósito público. Este trabalho inicial permitiu-me compreender a dimensão do fenómeno e reconhecer a variedade de contextos em que os clubes feministas se desenvolvem na Catalunha.

Posteriormente, entre 4 de junho e 15 de julho de 2025, distribuí um questionário *online* aos facilitadores dos clubes identificados. Recebi trinta e oito respostas, que forneceram informações sobre seu funcionamento, composição do grupo, metodologias de trabalho e o impacto local de suas atividades. O questionário combinou perguntas fechadas e abertas, permitindo-me coletar tanto dados sistematizáveis quanto reflexões pessoais sobre as motivações e experiências dos grupos. Esta fase foi de natureza descritiva e auxiliou na seleção dos estudos de caso e na preparação para o trabalho de campo subsequente.

Por outro lado, minha abordagem aos clubes de leitura feministas se baseia em uma experiência anterior desenvolvida no País Basco durante minha dissertação de mestrado em Estudos Feministas e de Gênero na UPV/EHU, onde realizei onze entrevistas em profundidade com diferentes pessoas ligadas a esses espaços: facilitadoras, participantes e uma editora. Essa pesquisa inicial permitiu-me identificar as dimensões analíticas mais relevantes e serviu como ponto de partida para o trabalho que agora estou desenvolvendo na Catalunha.

Nesta nova fase, realizei observação participante em três clubes de leitura feministas com características distintas: um vinculado a uma livraria urbana, outro organizado por uma associação feminista em um ambiente rural e um

terceiro administrado por uma biblioteca pública rural. Em todos eles, participei como observadora participante, tomando notas de campo e registrando as interações e os tópicos de discussão que surgiram em torno das leituras. A parte mais significativa da minha pesquisa, no entanto, tem sido a criação e a gestão contínua de um clube de leitura feminista no meu próprio município, que já funciona há três anos. Esse espaço, inicialmente concebido como um projeto comunitário, tornou-se o núcleo da minha pesquisa-ação. Nela, acompanhei as sessões mensais, registrei sua evolução e realizei três encontros de discussão com os participantes, focados na análise coletiva das transformações pessoais e coletivas que o grupo gerou neles e em seu ambiente.

O ímpeto dos clubes de leitura feministas

Como mencionei anteriormente, as bibliotecas públicas foram os principais impulsionadores e consolidadores dos clubes de leitura (ÁLVAREZ-ÁLVAREZ; PASCUAL DÍEZ, 2018). No entanto, nas últimas décadas, sua popularidade se espalhou para uma variedade de espaços, tanto públicos — associações, centros educacionais, centros culturais ou centros penitenciários — quanto privados — livrarias, empresas, cafés ou residências — (ARANA PALACIOS; GALINDO LIZALDRE, 2009).

Além disso, surgiu a especialização, dando origem a grupos focados em temas específicos, gêneros literários, idiomas ou públicos (Domingo Espinet; Solà Medina, 2005). Entre eles, destacam-se os clubes de leitura especializados em temas feministas, objeto da minha pesquisa. O mapeamento que realizei permitiu identificar oitenta e dois clubes de leitura feministas na Catalunha, com aproximadamente 1.300 participantes durante o ano letivo de 2024-2025 — um número considerável em comparação com outras regiões. Por exemplo, durante o ano letivo de 2020-2021, um mapeamento semelhante no País Basco registrou vinte e três clubes de leitura feministas ativos (Lasarte Leonet; Perales Fernández de Gamboa, 2021).

Em relação à sua organização, constatee que na Catalunha, 55% dos clubes de leitura feministas são geridos por bibliotecas públicas, 25% por organizações feministas, 15% por livrarias e 6% por outras instituições. Os laços estreitos com as bibliotecas e a sua descentralização territorial permitem que muitos clubes de leitura sejam organizados em áreas menos populosas.

De fato, a grande maioria dos clubes está concentrada em municípios de médio porte (entre 10.001 e 100.000 habitantes, 50%), seguidos pelos de pequeno porte (entre 500 e 10.000 habitantes, 26%). Apenas um quarto (24%) está localizado em grandes cidades com mais de 100.000 habitantes. Esses dados demonstram um alcance territorial significativo, permitindo-nos conceber os clubes como uma rede descentralizada, baseada na comunidade, com notável capacidade de se enraizar em contextos não metropolitanos. No entanto, é importante ressaltar que se tratam de iniciativas locais que não são coordenadas entre si. Da amostra pesquisada, 37% das facilitadoras não tinham conhecimento de nenhum outro clube de leitura feminista e, entre as que tinham, apenas três afirmaram que coordenavam atividades com outros clubes, principalmente para recomendar leituras umas às outras.

Apesar da falta de coordenação, as facilitadoras entrevistadas expressaram três motivações semelhantes para a criação de clubes de leitura feministas: a promoção de escritoras, o desenvolvimento de uma consciência feminista e a criação de um espaço seguro em sua cidade ou bairro. Em primeiro lugar, todos os organizadores têm como objetivo destacar e promover a literatura escrita por mulheres, tradicionalmente excluídas do cânone literário. Em menor grau, alguns também expressam um interesse explícito por autoras não ocidentais, não brancas e não cisheteronormativas.

Contudo, uma análise das listas de leitura para o ano letivo de 2024-2025 mostra que apenas 30% das obras selecionadas são de autoria de mulheres não brancas ou de autores não europeus e não anglo-americanos, o que sugere que a inclusão de vozes do Sul Global continua sendo um desafio. Além disso, de todas as obras europeias e anglo-americanas, 36% são de autores catalães, evidenciando uma dupla tensão entre o desejo de dar maior visibilidade à produção literária local e a persistência de um cânone literário predominantemente ocidental.

Num contexto de marginalização do catalão e diglossia com o espanhol, a seleção de autoras que escrevem em catalão — bem como traduções para essa língua — pode ser interpretada na Catalunha como uma forma de resistência cultural contra a hegemonia dos grandes mercados editoriais. Contudo, a disponibilidade de livros em catalão continua mais limitada, especialmente em gêneros literários não hegemônicos como a história em quadrinhos, o que influencia as práticas de seleção e pode direcionar a programação para obras

traduzidas para o espanhol. Nesse sentido, embora 82% dos encontros sejam realizados inteiramente ou principalmente em catalão, apenas 68% dos clubes de leitura leem exclusivamente ou principalmente em catalão.

Em segundo lugar, as facilitadoras concebem os clubes como espaços para reflexão crítica e desenvolvimento da consciência feminista, abertos tanto a ativistas quanto a pessoas não familiarizadas com o feminismo. Como explicou uma facilitadora de uma cidade de 5.000 habitantes perto de Barcelona:

A ideia era precisamente essa: proporcionar uma perspectiva e um debate com foco na questão de gênero para pessoas que não necessariamente tinham um interesse específico no assunto, misturando-as no grupo com outras que vieram especificamente para tratar do tema (Carla, 06/06/2025)⁶.

Em relação aos temas abordados, a análise das leituras selecionadas pelos clubes durante o período de 2024-2025 revela uma notável diversidade. As categorias mais recorrentes giram em torno da discriminação e da violência contra a mulher, seguidas pela luta pelos direitos LGBTQ+, antirracismo e decolonialidade. Temas relacionados à maternidade, família, sexualidade, reinterpretação da história e resistência em contextos internacionais, especialmente no caso das mulheres iranianas, também aparecem com frequência. Outros temas presentes, embora em menor grau, incluem masculinidades, narrativas de amor romântico e velhice.

Em terceiro lugar, as facilitadoras expressam o desejo de construir uma comunidade e criar um espaço seguro que funcione como uma rede local de apoio mútuo. Os grupos são compostos, em média, por 16 mulheres. A maioria das reuniões ocorre mensalmente (66%), enquanto as restantes são bimestrais ou trimestrais (24%) e, em menor escala, semanais ou quinzenais (11%). A duração média é de uma hora e meia. O facilitador, além de selecionar as obras, é responsável por moderar as discussões e garantir que todos os participantes possam se expressar, compartilhando tanto suas interpretações das leituras quanto experiências pessoais relacionadas à obra. Em municípios menores, essa prática também assume uma dimensão pública, visando transformar o ambiente local. Como destacou um facilitador de um município de 3.000 habitantes em Tarragona:

⁶ Os nomes das mulheres entrevistadas ou pesquisadas são fictícios e, traduzidas do catalão para o espanhol.

Em pequenas áreas rurais como a nossa, o Clube Feminista desempenha um papel vital na expansão da rede feminista e na sensibilização para o feminismo. É o único ponto de encontro em toda a região. E é a partir daqui que algumas ações anteriormente realizadas por associações de mulheres foram questionadas e alteradas, por exemplo (Cinta, 05/06/2026).

Esses depoimentos ilustram como os clubes de leitura funcionam não apenas como espaços para encontros entre leitores ou para a conscientização individual, mas também como estruturas de sociabilidade política feminista, onde a prática cultural está intrinsecamente ligada à ação coletiva. Esse fenômeno pode ser visto como parte da ascensão do movimento feminista na Catalunha nos últimos anos, que culminou na greve geral de 8 de março de 2018. Embora existam precedentes, como o pioneiro clube de leitura “Veu de dones”, fundado em 2006 na Biblioteca Francesca Bonnemaison em Barcelona (MUÑOZ CARRILERO; ORIOLA TARRAGÓ, 2020), a expansão dos clubes de leitura feministas pesquisados, com exceção de um caso, ocorreu precisamente a partir do ano de 2018. Nesse sentido, o contexto de uma quarta onda do feminismo gerou um público receptivo ao debate feminista e, por sua vez, um setor editorial que respondeu às novas possibilidades de recepção. Isso é evidenciado pelo estudo de recepção de Teoria do King Kong, de Virginie Despentes (DESPENTES, 2006): sua primeira publicação em espanhol, em 2007, teve alcance limitado, circulando apenas entre grupos ativistas, enquanto a partir de 2018 tornou-se um best-seller que se difundiu para o público em geral (MARC, 2022).

Em suma, os clubes de leitura feministas na Catalunha constituem um fenômeno cultural e político emergente que combina a mediação literária com a ação feminista de base. Sua recente expansão reflete tanto a consolidação do movimento feminista quanto a crescente participação de mulheres que inicialmente desconheciam essas questões, especialmente fora dos grandes centros urbanos. Por meio da leitura coletiva, esses clubes promovem a visibilidade de autoras, a reflexão crítica e a criação de redes comunitárias que fortalecem o tecido feminista local.

A feminização dos clubes de leitura

Como mencionei anteriormente, a ascensão do movimento feminista no Estado espanhol criou um público sensível às questões de gênero e uma dispo-

sição para aprender e debater, o que favoreceu a criação de clubes de leitura feministas, caracterizados por reunir principalmente mulheres. Como mencionei anteriormente, a ascensão do movimento feminista no Estado espanhol criou um público sensível às questões de gênero e com disposição para aprender e debater, ou que favoreceu a criação de clubes de leitura feministas, caracterizados por reunir principalmente mulheres.

Essa feminização deve-se, em parte, a uma tendência geral de maior participação feminina em espaços culturais. Em 2022, as mulheres representavam 82% das inscrições em oficinas de centros comunitários e 62,4% da frequência em atividades culturais nas bibliotecas de Barcelona (ICB, 2024). Além disso, as mulheres leem mais em seu tempo livre do que os homens, uma tendência que se consolidou desde a década de 1990 e continua a ampliar a disparidade de gênero na leitura (FGEE, 2024). As mulheres não são apenas as principais leitoras, mas também as usuárias mais ativas de espaços culturais, o que explica sua sobrerrepresentação em espaços como clubes de leitura.

Nesse sentido, um dos perfis recorrentes em clubes de leitura feministas é o de mulheres culturalmente ativas, que inclusive participam de vários clubes simultaneamente. No caso delas, a principal motivação para ingressar em clubes feministas reside no desejo de descobrir novas autoras e obras. A esse perfil cultural, porém, soma-se outro perfil de mulheres que talvez não tenham participado anteriormente desse tipo de atividade, mas que frequentam o clube unicamente por conta de seu ativismo feminista. Uma participante expressou isso da seguinte forma:

Eu, por exemplo, nunca tinha participado de um clube do livro antes, e acho que nunca teria participado se não fosse por este. [...] Eu me sentia bastante desconfortável lendo um livro e depois tendo que falar sobre ele na frente de outras pessoas. Então, com a desculpa do feminismo, ficou mais fácil para mim, e acho que também poderia gostar de participar de outro grupo de leitura. Nesse sentido, esta porta se abriu para mim. (Carolina, 02/06/2023).

Contudo, embora as mulheres tenham uma presença crescente como consumidoras de cultura, sua representação nos espaços mais prestigiosos permanece limitada. Por exemplo, se considerarmos os vencedores de concursos literários institucionais e comerciais com prêmios superiores a 10 mil euros na

Espanha⁷, as mulheres têm sido consistentemente desfavorecidas. Embora se observe uma tendência de equilíbrio desde 2018, foi apenas em 2020 que o número de mulheres premiadas ultrapassou o de homens, dentro do período de estudo entre 1990 e 2023. Como Paula Bonet observou no prólogo de *Lila* (CABRÉ: GALMÉS, 2019), a greve feminista de 8 de março de 2018 também trouxe à tona as desigualdades estruturais no setor editorial, reivindicando igualdade salarial, paridade em cargos de decisão e representação equitativa na promoção literária. Assim, embora a prática da leitura tenha se feminizado, os cargos de autoridade cultural permanecem predominantemente masculinos.

Dessa perspectiva, a feminização dos clubes de leitura também pode ser entendida como resultado de uma mudança simbólica no prestígio cultural. Enquanto os encontros literários do passado eram considerados espaços de legitimação intelectual, os clubes de leitura passaram a ser associados à conversa e ao afeto: dimensões tradicionalmente consideradas femininas e, portanto, desvalorizadas. Blanca Calvo, diretora da Biblioteca Pública do Estado de Guadalajara, lembrou como uma colega considerou que os clubes de leitura “não são um bom método para formar leitores” e que serviam apenas para treinar “leitoras” (CALVO ALONSO-CORTÉS, 2007, p. 28), um termo pejorativo frequentemente usado para desacreditar as leitoras.

Nessa mesma linha, o escritor Alberto Olmos descreveu recentemente os clubes de leitura como “uma degeneração periódica do ato de ler”, na qual os homens não se interessam, já que “ler é solidão; o clube é uma solidão mal administrada” (OLMOS, 2024). Ambas as afirmações reproduzem a desvalorização do feminino e dos espaços onde as mulheres são maioria.

Em contrapartida, minhas observações etnográficas mostram que as mulheres que participam dos clubes valorizam justamente a dimensão social da leitura, entendida como uma prática coletiva que enriquece as interpretações individuais e fortalece os laços comunitários. Contudo, as participantes não estão isentas de estigma. Algumas mulheres afirmaram ter ocultado sua participação no clube de leitura feminista para evitar ridicularização ou conflitos,

7 Os concursos analisados são aqueles concedidos pelo Estado espanhol que atribuem um prêmio superior a 10.000 €, entre 1990 e 2023. Os prêmios institucionais analisados são o Prêmio Cervantes e os Prêmios Nacionais de Literatura, Ensaio, Narrativa, Poesia e Literatura Infantil e Juvenil. A estes complementam-se os seguintes prêmios comerciais: Alfaguara, Ateneo de Sevilha, Azorín, Biblioteca Breve, Fernando Lara, Herralde, Nadal, Planeta, Primavera, Torrevieja, Tusquets, Málaga, Alfonso X El Sabio e Minotauro. Ao interpretar o gráfico, é importante notar que os concursos ativos ao longo do período de trinta e três anos não são os mesmos; portanto, a comparação não deve ser feita com base no número de vencedores ao longo dos anos, mas sim na diferença entre homens e mulheres no mesmo ano.

especialmente por parte dos homens em seus círculos sociais. No caso delas, esse desprezo não se dirige tanto ao formato do clube do livro em si, mas ao seu caráter feminista. De fato, enquanto os homens de gerações passadas evitavam os clubes do livro por os considerarem uma atividade excessivamente feminina, os homens da década de 1990 fazem o mesmo porque os clubes do livro contemporâneos são percebidos como feministas demais (Rehberg Sedo, 2004). Aliás, a participação masculina em clubes do livro feministas é quase inexistente: apenas alguns dos grupos pesquisados incluíam homens.

Por outro lado, durante uma discussão no meu próprio clube de leitura feminista, algumas participantes refletiram sobre essa ausência e concordaram que preferiam manter o espaço apenas para mulheres. Embora o clube nunca tenha sido explicitamente divulgado como um espaço exclusivamente feminino, nenhum homem demonstrou interesse em participar. Um dos comentários foi o seguinte:

Por exemplo, se você faz casas, ficaria feliz em tê-la como membro deste clube do livro. Certamente elas monopolizarão todo o clube de leitura ou as crianças se sentirão atacadas por algumas das coisas que elas dizem, ou acabarão falando em nome de todas as casas e as empregadas domésticas também ocuparão mais mesas de apoio. Me agrada que ele tenha seguido os nomes dos dons, tudo o que ele fez foi sentir a intenção de que ele seguiu os nomes dos dons. (Carolina, 06/02/2023).

Portanto, alguns participantes temem que a presença de homens possa alterar a dinâmica do grupo, monopolizando a discussão ou atuando como porta-vozes de todos os homens, limitando assim a participação das mulheres. Além disso, outra preocupação é que os homens possam se sentir atacados. A esse respeito, um participante argumentou o seguinte:

Às vezes, participo de treinamentos com homens, e a reação deles pode ser ficar com raiva de coisas que lhes são ditas ou se fazer de vítima. “Ah, eu sou tão ruim nisso...” E acho isso muito cansativo. Então, neste espaço, isso não acontece. Ou posso dizer: “Nossa, eu também tenho atitudes sexistas, mas é diferente”. Este espaço é bom porque não precisamos ficar constantemente educando os homens. Sim, eles devem ser treinados, e precisam disso, mas... (Jana, 02/06/2023).

Nesta última intervenção, torna-se mais evidente como os argumentos para excluir os homens do clube de leitura feminista decorrem do esgotamento em relação às suas atitudes defensivas ou de vitimização em outras áreas. Nesse sentido, uma das participantes expressou o desejo de que houvesse homens que lessem os mesmos livros que nós lemos e aprendessem sobre essas realidades, ao que outra respondeu: “Sim, mas isso significa que eles têm que ocupar o único espaço que existe agora, onde só há mulheres?” (Carolina, 02/06/2023). Num contexto em que o clube de leitura feminista é o único espaço na cidade onde as mulheres conversam entre si e sobre feminismo, a inclusão de homens poderia, aparentemente, ser um obstáculo. Ochy Curiel, referindo-se às feministas negras, afirma:

Compreender as identidades como produtos sociais, mutáveis e flutuantes, pode ajudar-nos tanto a evitar cair no essencialismo como a evitar acusar de essencialismo muitas posições políticas assumidas por grupos sociais que não são legítimas nem reconhecidas. (CURIEL, 2002, p. 111).

Assim, a construção de uma identidade feminista, mesmo que neste caso envolva a adoção de um sujeito feminino (diverso), pode servir como meio de autoafirmação em um contexto no qual as mulheres são frequentemente relegadas a um segundo plano. Além disso, vale ressaltar a existência de diversas opiniões dentro do grupo e que, embora minoritários, alguns participantes também enfatizaram a importância da participação masculina nas discussões. Por sua vez, os poucos participantes que defenderam a participação dos homens argumentaram que a própria identidade feminista do clube de leitura serviria como um fator dissuasor para aqueles que não estivessem interessados no movimento e, portanto, era de se esperar que não exercessem influência sobre o poder dentro do clube.

Portanto, a feminização dos clubes de leitura pode ser entendida como resultado de diversos fatores. Enquanto as mulheres encontraram neles um espaço seguro para discutir e refletir sobre questões feministas, os homens parecem se distanciar deles, percebendo-os como menos prestigiosos, femininos demais ou feministas demais. Assim, a feminização dos clubes de leitura não reflete apenas uma mudança nos hábitos culturais, mas também uma transformação na distribuição do reconhecimento simbólico: o que antes era um espa-

ço de legitimação intelectual masculina tornou-se um território de resistência e reinterpretação feminista.

A heterogeneidade dos grupos como base para a mudança

Ao contrário dos clubes tradicionais, onde predominam mulheres entre 46 e 65 anos (ÁLVAREZ-ÁLVAREZ, 2016), os clubes de leitura feministas têm uma composição mais heterogênea, o que gera espaços de diálogo entre pessoas que raramente se encontram em outros espaços. Especificamente, identifico um ambiente de comunicação particularmente rico nesses grupos em três níveis: (1) comunicação intergeracional, (2) comunicação entre pessoas com diferentes perspectivas feministas e (3) comunicação entre pessoas de diferentes origens. Essa diversidade, embora possa implicar desequilíbrios de poder, é uma das características mais valorizadas pelas participantes, que a associam à aprendizagem mútua e ao enriquecimento coletivo.

Em primeiro lugar, a comunicação intergeracional é um dos aspectos mais valorizados. Os grupos analisados incluem mulheres entre 25 e 80 anos, e muitas enfatizam o valor de compartilhar leituras com pessoas de outras gerações. Essa troca, pouco frequente fora do ambiente familiar, permite o compartilhamento de experiências de vida e perspectivas sobre o feminismo que, em outras circunstâncias, permaneceriam isoladas. Uma das participantes mais velhas se juntou ao meu grupo justamente por curiosidade, para conhecer as posições das mulheres mais jovens.

A princípio pensei: feminismo? Já fiz isso, já pensei nisso. Mas depois pensei: vou conhecer algumas jovens interessantes. Claro, porque você sempre encontra pessoas mais ou menos da sua idade, não é? E foi interessante ter outro ponto de vista (Carme, 02/06/2023).

Um exemplo revelador do tipo de troca que ocorreu em um clube de leitura em uma grande cidade: durante o ano letivo de 2021-2022, discussões sobre amor e leituras críticas sobre monogamia levaram a um diálogo entre participantes mais jovens, interessados em alternativas relacionais como o poliamor, e participantes mais velhos, que criticavam a ideia de que “temos papéis de gênero em lares heteronormativos, mas defendemos a estabilidade de dois relacionamentos tradicionais”. Após a leitura de **Lo que hay** (TORRES RODRÍGUEZ

DE CASTRO, 2022), de Sara Torres, uma participante mais velha comentou que o romance lhe permitiu conhecer uma perspectiva diferente, mas não adotá-la como sua, visto que fora casada a vida toda e desejava estar apenas com o marido. Durante uma visita da autora ao clube do livro, ela respondeu que o objetivo não é o poliamor em si, mas a igualdade dentro de qualquer relacionamento. Isso reformulou a discussão, reafirmou a importância de diferentes pontos de vista e ampliou o entendimento comum.

Em segundo lugar, a comunicação entre pessoas com diferentes perspectivas feministas é notável, especialmente quando os encontros acontecem em espaços como bibliotecas públicas ou livrarias. Uma das participantes do meu clube de leitura expressou isso da seguinte forma:

Se a biblioteca não tivesse organizado, talvez não tivéssemos sido um grupo tão diverso. No fim das contas, se for organizado por uma organização que trabalha pelo feminismo, sempre acabará sendo com as mesmas pessoas de sempre (Judit, 02/06/2023).

Este depoimento destaca o papel das bibliotecas como espaços de mediação que facilitam a diversidade de perfis e discursos. Por não estarem diretamente ligadas a um grupo ativista específico, essas instituições criam um ambiente mais permeável onde pessoas com diferentes graus de envolvimento ou perspectivas feministas diversas podem convergir. Uma segunda participante, que frequenta tanto um clube de leitura organizado por um coletivo feminista quanto um em uma biblioteca pública, reforça essa ideia ao apontar a diferença nos perfis dos dois espaços. Referindo-se ao clube de leitura organizado pelo coletivo feminista, ela afirma o seguinte:

A questão é que acho que o perfil das pessoas que estão lá é muito semelhante, ou seja, somos meninas jovens e politicamente conscientes, então... Há debate, mas geralmente concordamos em tudo (Laia, 31/05/2024).

Assim, ela demonstra como os clubes promovidos por coletivos feministas tendem a reunir participantes com históricos e posicionamentos ideológicos mais homogêneos. Embora esses espaços fomentem debates aprofundados, o consenso preexistente pode limitar o confronto de perspectivas. Em contrapartida, os clubes organizados por bibliotecas ou livrarias abrem a possibilidade de

diálogo entre diferentes perspectivas, criando um espaço para expressar dúvidas e considerar outros pontos de vista. No meu próprio clube de leitura feminista, que acontece na biblioteca pública, muitas participantes reconhecem que foi lá que ouviram falar pela primeira vez de conceitos como decolonialidade, antirracismo ou direitos trans. Como resume uma das participantes: “Aprendi um pouco sobre como enxergar a diversidade dentro do feminismo. Antes de vir para cá, eu o via como um único tipo de feminismo. Aqui, percebi que existem muitas vozes” (Ona, 02/06/2023), o que reflete como esses espaços mistos funcionam como lugares de descoberta e abertura.

Em terceiro lugar, a comunicação entre pessoas de diferentes origens — acadêmicas, ativistas, profissionais e institucionais — que ocorre nos clubes de leitura proporciona uma oportunidade para que as diferentes interpretações resultantes da leitura circulem e se entrelacem. No meu clube de leitura, esses diferentes perfis estão representados; eles se influenciaram mutuamente e projetaram as ideias do clube em seus próprios ambientes. No encontro de maio de 2023, por exemplo, abordamos o tema da pressão estética com base no romance em formato de quadrinhos, “Operação Biquíni” (BARCELÓ; VANNIER, 2021), e alguns professores reconheceram em si mesmos um julgamento sobre os corpos de seus alunos adolescentes. Em um clima de sinceridade, eles perceberam isso e mudaram seu posicionamento, o que foi apreciado pelos demais e potencialmente gerou um impacto em sua área profissional.

De modo geral, houve uma crescente conscientização sobre a opressão dos corpos femininos e o ideal de beleza imposto a eles. Além de reconhecer a gordofobia, o racismo, a sexualização e, em última instância, as muitas formas de violência perpetradas contra os corpos em nome de uma suposta beleza, algumas participantes com um perfil mais ativista relacionaram essa reflexão à necessidade de promover mudanças nas políticas públicas municipais. Especificamente, durante o verão de 2023, o grupo catalão Mugrons Lliures (Mulheres Livres) conseguiu, pela primeira vez, que o governo catalão impedisse a implementação de decretos municipais que proibiam mulheres de frequentar piscinas públicas sem a parte de cima do biquíni. No entanto, as integrantes do grupo refletiram que, em sua cidade, essa vitória legal provavelmente não se traduziria em uma aceitação social genuína. Por isso, propuseram ir juntas à piscina municipal de topless, como forma de exercer os nossos direitos, apoiarmo-nos mutuamente e contribuir para a normalização de todos os corpos.

Nesse sentido, os clubes de leitura feministas poderiam ser compreendidos sob o conceito de “terceiro espaço”, desenvolvido por Maria Livia Alga, que os define como “lugares relacionais que, dando todo o valor à experiência subjetiva, à experiência corporal de cada um, permitem a mediação com a realidade social e com as instituições, a partir de uma posição de força ou, melhor dizendo, de empoderamento”⁸ (ALGA, 2020, citado em ESTEBAN; GUILLO-ARAKISTAIN; LUXÁN-SERRANO, 2022, p. 73).

Dessa perspectiva, o grupo funciona não apenas como um espaço de troca e reflexão teórica, mas também como um “terceiro espaço” para ação e transformação. Nele, as experiências pessoais se articulam com diferentes esferas públicas, criando uma ponte entre o íntimo e o político, entre a experiência privada e a mudança social. No entanto, para que essa troca de ideias seja eficaz e enriquecedora, é necessário que o grupo se esforce para valorizar as contribuições de todos os participantes. Em outras palavras, põe-se em prática a ideia de que o conhecimento é situado e parcial (HARAWAY, 1995), reconhecendo que todas as pessoas têm experiências e conhecimentos valiosos que, independentemente do seu nível de escolaridade, podem contribuir para o debate.

Por outro lado, embora seja função do facilitador garantir o equilíbrio entre os participantes, geralmente é o próprio grupo que se autorregula por meio da escuta ativa e da prática do autocontrole no uso da linguagem. Com o tempo, isso permite que os membros se sintam à vontade e capacitados para compartilhar suas interpretações da leitura.

Outro fator que contribui para a criação de um ambiente acolhedor é que, além de ser um espaço cultural e político, o clube de leitura também é um espaço de lazer e de construção de laços interpessoais. Por um lado, o próprio ato de compartilhar perspectivas e experiências com o grupo fomenta o desenvolvimento de vínculos, mas, por outro lado, o clube também é um espaço para atividades recreativas, sejam elas relacionadas ao clube ou não. Assim, a programação do clube inclui regularmente encontros com escritoras, excursões a teatros ou outras atividades culturais relacionadas à leitura e jantares de encerramento do ano. Também é comum que as participantes continuem seus encontros em um bar após as sessões. Esses tipos de atividades fomentam uma

⁸ Tradução própria.

atmosfera de intimidade e cordialidade, o que, por sua vez, promove relacionamentos baseados no respeito e na igualdade.

Em resumo, a análise demonstra que os clubes de leitura feministas constituem espaços relacionais onde a diversidade geracional, ideológica e profissional se traduz em trocas que favorecem a aprendizagem mútua e a construção coletiva do conhecimento feminista, onde as experiências subjetivas são transformadas em conhecimento situado e a prática da leitura adquire uma dimensão política e transformadora.

Uma leitura crítica e emotiva para a transformação da realidade

Os resultados do trabalho com clubes de leitura mostram como a prática de ler em conjunto se torna um exercício de resistência, mas também de autocrítica feminista. Embora a crítica literária feminista, desde a década de 1970 — ainda que com antecedentes notáveis (WOOLF, 1929; DE BEAUVOIR, 1949) — tenha denunciado o viés patriarcal do cânone literário, os atuais clubes de leitura feministas expandem esse gesto crítico: eles não se limitam a resistir à autoridade do texto, mas sim a questionar suas próprias posições como leitoras dentro de estruturas de poder mais amplas.

Em *“The Resisting Reader”* (FETTERLEY, 1978), Judith Fetterley propôs a figura da “leitora resistente”, que precisava confrontar a literatura androcêntrica para desativar seu olhar masculino universalizante. No entanto, nos clubes de leitura feministas observados, a resistência não se dirige apenas a autoras canônicas, mas também às próprias concepções de feminismo das participantes, a maioria das quais brancas e cisgênero.

Tomando como exemplo o clube de leitura que coordeno, as obras muitas vezes atuam como catalisadores para a autocrítica. Por exemplo, a leitura de *Coconut*, de Kopano Matlwa (MATLWA, 2020), levou os participantes a reconhecerem as limitações de sua perspectiva e sua posição de privilégio racial branco. Como reconhece uma delas: “Não tínhamos abordado muito a questão, porque, no fim das contas, ela não nos afetava tão diretamente como mulheres; pelo contrário, podemos ser vistas como as opressoras” (Míriam, 02/06/2023). Essa reflexão se conecta com críticas subsequentes a Fetterley. Enquanto ela acreditava que as leitoras eram forçadas a se identificar com valores patriar-

cais — um processo que ela chamou de “emasculação” —, outras autoras (McCULLUM, 2021) apontaram como o feminismo branco hegemônico visa fazer com que todas as leitoras se identifiquem com textos escritos por mulheres, sem problematizar outras formas de opressão. Ao contrário, numa perspectiva interseccional, a leitura não deve visar à identificação com o texto, mas sim ser um meio de alcançar uma compreensão que transcenda a própria subjetividade. Em clubes de leitura feministas, as participantes vivenciam precisamente essa possibilidade: ler não apenas para se reconhecerem, mas para se descentrarem e compreenderem as diferentes formas de opressão de maneira interseccional.

Para além da sua dimensão crítica, a leitura nos clubes feministas incorpora também o prazer como elemento político. A leitura deve ser entendida não só em termos de resistência, mas também de fruição: uma dialética de comunicação em que o prazer da leitura expande a subjetividade (SCHWEICKART, 1987). De maneira semelhante, é importante incluir a dimensão emocional e sensorial da leitura como forma de subverter as hierarquias culturais que desprezam os chamados “gêneros menores” (RADWAY, 1997).

Nos clubes de leitura feministas, essa valorização do prazer da leitura se traduz em uma abertura a todos os tipos de gêneros: romances, quadrinhos, contos ou autobiografias, que abordam temas tradicionalmente subvalorizados — maternidade, violência sexual, racismo ou amor. Nas palavras de uma participante: “Você percebe que as questões feministas não são abordadas apenas em livros de ensaios” (Carla, 2 de junho de 2023). Essa diversidade formal e temática desestabiliza as hierarquias entre literatura “erudita” e “popular”, valorizando os textos não em seu status cultural, mas em sua capacidade de gerar diálogo, emoção e pensamento crítico.

Finalmente, em qualquer um dos formatos, os leitores dos clubes de leitura também desafiam a autoridade epistêmica da crítica literária formal, uma vez que a praticam a partir da imersão e do prazer da leitura. Uma forma de conceituar isso seria como sentar-se inclinado para a frente ou para trás (Humble, 2011): enquanto a crítica literária de autoridade está associada à posição física de ler obras hegemônicas sentado inclinado para a frente, em clubes de leitura, os leitores tendem a analisar o texto relaxados no sofá, em uma poltrona ou na cama. Essa fisicalidade da leitura adiciona uma dimensão afetiva que não diminui o rigor, mas o amplia.

Em suma, os clubes de leitura feministas podem fomentar práticas de resistência, autocrítica e prazer. Por meio de conversas sobre os textos, as participantes não apenas questionam os discursos patriarcais, mas também suas próprias estruturas de compreensão do feminismo, reconhecendo privilégios e aprendendo com outras vozes marginalizadas e não brancas. Nesse sentido, os clubes de leitura se tornam espaços de reflexão feminista onde a literatura — independentemente de seu gênero ou status canônico — se torna uma ferramenta para reinterpretar a realidade e imaginar novas formas de ser, ler e existir no mundo.

Considerações finais

Este estudo demonstrou que os clubes de leitura feministas na Catalunha constituem um fenômeno cultural e político emergente que vincula a mediação literária à ação feminista de base. Sua recente expansão está ligada ao fortalecimento do movimento feminista contemporâneo e à capacidade das bibliotecas públicas, livrarias e outros espaços culturais de gerar redes descentralizadas e comunitárias. Por meio da leitura coletiva, esses clubes dão visibilidade a autoras, promovem a reflexão crítica feminista e contribuem para a criação de vínculos locais que consolidam o tecido feminista territorial.

Embora os encontros literários fossem historicamente espaços urbanos e dominados por homens, nas últimas décadas os clubes de leitura se transformaram em práticas coletivas associadas às mulheres, que encontram neles um ambiente seguro para debater, compartilhar experiências e construir conhecimento feminista. Apesar dessa feminização ter levado a uma perda de prestígio simbólico em certos círculos, os clubes de leitura feministas redefinem a prática da leitura compartilhada como uma forma de participação cultural e política que combina lazer, aprendizado e transformação social.

Os clubes de leitura feministas também são espaços heterogêneos onde diferentes gerações, formações profissionais e posicionamentos ideológicos convergem. Nesses espaços, experiências pessoais e múltiplas interpretações do texto se transformam em conhecimento situado e coletivo. Esse tipo de prática demonstra que a literatura, longe de ser uma experiência isolada, pode se tornar um veículo para o pensamento crítico e um catalisador para a construção de comunidade.

Numa perspectiva mais ampla, este estudo fornece evidências empíricas de como as práticas culturais cotidianas podem ter um impacto político significativo, contribuindo para a construção de subjetividades feministas críticas e autocríticas. Os clubes de leitura feministas não apenas expandem o cânone literário, dando visibilidade a autoras e vozes marginalizadas, mas também geram novas formas de sociabilidade, aprendizado e ação coletiva em contextos locais.

Por fim, este trabalho abre caminhos para futuras pesquisas sobre a evolução desses clubes e seu potencial de criação de redes. Também convida à reflexão sobre as limitações da prática — sua dependência institucional e a homogeneidade de seus participantes em termos de branquitude — questões que merecem análises adicionais.

Referências bibliográficas

ALONSO, Pura et al. Primer encuentro de clubes de lectura: Biblioteca Pública del Estado Guadalajara. **Educación y biblioteca**, núm. 113, p. 4-12, 2000.

ÁLVAREZ-ÁLVAREZ, Carmen; PASCUAL-DÍEZ, Julián. Clubes de lectura: una revisión sistemática internacional de estudios (2010-2022). **Literatura: teoría, historia, crítica**, v. 26, núm. 1, p. 312-347, 2024. Disponible en: <https://repositorio.unican.es/xmlui/handle/10902/31683>

____. Los clubes de lectura en el contexto de las bibliotecas públicas en España. Situación actual y perspectivas de futuro. **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, v. 32, núm. 76, 13-27, 2018. Disponible en: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-358X2018000300013

ÁLVAREZ-ÁLVAREZ, Carmen. Clubs de lectura. ¿Una práctica relevante hoy? **Información, cultura y sociedad**, núm. 35, p. 91-106, 2016. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5985066>

ARANA PALACIOS, Jesús; GALINDO LIZALDRE, Belén. **Leer y conversar. Una introducción a los clubes de lectura**. Guijón: Trea, 2009.

ARANA PALACIOS, Jesús. Clubes de lectura. En: José Antonio Millán (Org.). **La lectura en España**. Informe 2017. Madrid: Federación del Gremio de Editores de España, p. 141-153, 2016. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=675188>

BALDAQUÍ, Josep M. Els clubs de lectura a les biblioteques públiques de Catalunya, el País Valencià i les Illes Balears. **Zeitschrift für Katalanistik: Revista d'Estudis Catalans**, núm. 32, p. 109-141, 2019. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7635914>

BALLERÍN DOMINGO, Pilar. La educación de la mujer española en el siglo XIX. **Historia de la educación: Revista interuniversitaria**, v. 8, p. 245-260, 1989. Disponible en: <https://revistas.usal.es/tres/index.php/0212-0267/article/view/6837/6823>

BARCELÓ, Júlia; VANNIER, Camille. **Operació biquini**. Barcelona: Flamboyant, 2021.

BARRERA LÓPEZ, Begoña. Personificación e iconografía de la “mujer moderna”. Sus protagonistas de principios del siglo XX en España. **Trocadero**, núm. 26, p. 221-240, 2014. Disponible en: <https://revistas.uca.es/index.php/trocadero/article/view/2099>

BIGLIA, Barbara. Desde la investigación-acción hasta la investigación activista feminista. En: José Romay Martínez (Org.). **Perspectivas y retrospectivas de la psicología social en los albores del siglo XXI**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 415-422, 2007.

BORRELL-CAIROL, Mònica. Memòria, gènere i historia. Catalunya, 1920-1960. En: Raquel Castellà Perarnau (Org.). **Dones: historia i memòria a Catalunya**. Barcelona: Universitat de Barcelona, p. 69-82, 2017. Disponible en: https://www.mhcat.cat/recursos_i_recerca/biblioteca_chcc_publicacions/publicacions_del_museu/memoria_genere_i_historia_catalunya_1920_1960

BOTREL, Jean-François. **Libros y lectores en la España del siglo XX**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2010. Disponible en: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/libros-y-lectores-en-la-espana-del-siglo-xx--0/>

CABRÉ, M. Àngels; GALMÉS, Toni. (con BONET, Paula). **Lila. Història gràfica d'una lluita**. Barcelona: Comanegra.

CALVO ALONSO-CORTÉS, Blanca. Historia de una idea: los clubes de lectura en Guadalajara. **Anaquel**, núm. 18, p. 3-4, 2002.

_____. Clubes de lectura. **Peonza: Revista de literatura infantil y juvenil**, núm. 68, p. 21-29, 2007.

CURIEL, Ochy. Identidades esencialistas o construcción de identidades políticas: el dilema de las feministas negras. **Otras miradas**, v. 2, núm. 2, p. 96-113, 2002. Disponible en: <https://www.redalyc.org/pdf/183/18320204.pdf>

DE BEAUVOIR, Simone. **El segon sexe**. Hermínia Grau Aymà (Trad.). Barcelona: Edicions 62, 1968. (Obra original publicada en 1949).

DE CASTRO, Rosalía. **Almanaque de Galicia, para uso de la juventud elegante y de buen tono**. Lugo: Imprenta de Soto Freire, 1865.

DE LOS REYES GÓMEZ, Fermín. De la imprenta manual a la mecánica: Primeros intentos de cambio en España. **Cuadernos de Ilustración y Romanticismo: Revista Digital del Grupo de Estudio del Siglo XVIII**, núm. 24, p. 13-39, 2018. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6756822>

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. Marina Espasa (Trad.). Barcelona: L'Altra Editorial, 2018. (Obra original publicada en 2006).

DOMINGO ESPINET, Gemma; SOLÀ MEDINA, Maria dels Àngels. Els clubs de lectura: dues experiències a dues ciutats. **Revista de Biblioteconomia i Documentació**, núm. 40, p. 29-44, 2005. Disponible en: <https://raco.cat/index.php/Item/article/view/90344>

ESPIGADO TOCINO, Gloria. El analfabetismo en España. Un estudio a través del censo de población de 1877. **Trocadero. Revista del Departamento de Historia Moderna, Contemporánea, de América y del Arte**, v. 1, núm. 2, p. 173-192, 1990. Disponible en: <https://revistas.uca.es/index.php/trocadero/article/view/1240/1073>

ESTEBAN, Mari Luz; GUILLO-ARAKISTAIN, Miren; LUXÁN-SERRANO, Marta. Ethnography of the kitchen: The Women's House, a space for feminist Alliance and intercultural encounter. **Ethnography**, vol. 25, núm. 1, p. 58-75, 2022. Disponible en: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/14661381211073122>

FETTERLEY, Judith. **The Resisting Reader: A Feminist Approach to Americal Fiction**. Bloomington: Indiana University, 1978.

FGEE. **Hábitos de lectura y compra de libros en España 2024**. Madrid: Federación de Gremios de Editores de España, 2025. Disponible en: <https://federacioneditores.org/estudios-fgee/>

GELZ, Andreas. La tertulia. Sociabilidad, comunicación y literatura en el siglo XVIII: perspectivas teóricas y ejemplos literarios (Quijano, Jovellanos, Cadalso). **Cuadernos de Estudios del Siglo XVIII**, núm. 8-9, p. 101-125, 1999. Disponible en: <https://reunido.uniovi.es/index.php/CESXVIII/article/view/12097>

HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinvención de la naturaleza**. Madrid: Cátedra, 1995.

HOWIE, Linsey M. **Speaking Subjects: A Reading of Women's Book Groups**. Tesis (Doctorado). Le Trobe University, Australia, Melbourne, 1998.

HUMBLE, Nicola. Sitting Forward or Sitting Back: Highbrow v. Middlebrow Reading. **Modernist Cultures**, v. 6, núm. 1, p. 41-59, 2011.

ICB. **Algunes dades de gènere i cultura 2022**. Barcelona: Institut de Cultura de Barcelona, 2023. Disponible en: <https://barcelonadadescultura.bcn.cat/dades-de-genere-i-cultura/>

INE. **Encuesta de hábitos y práctica culturales en España 2021-2022**. Madrid: Instituto Nacional de Estadística, 2022. Disponible en: <https://www.cultura.gob.es/servicios-al-ciudadano/estadisticas/cultura/mc/ehpc.html>

JIMÉNEZ GUERRA, FERNANDO. Clubes de lectura: una lectura oculta. **Boletín GC: Gestión cultural**, núm. 13, p. 2-31, 2005.

LASARTE LEONET, Gema; PERALES FERNÁNDEZ DE GAMBOA, Andrea. **Literatur club feministen lanaren bisibilizazio premia**. Vitoria-Gasteiz: Jabetze Feministarako Eskolaren, 2021. Disponible en: <https://www.vitoria-gasteiz.org/wb021/was/we001Action.do?idioma=es&accionWe001=adjunto&nombre=92617.pdf>

LONG, Elisabeth. **Book Clubs: Women and the Uses of Reading in Everyday Life**. Chicago: University of Chicago, 2003.

McCULLUM, E. I. The Desisting Reader. **Reception: Texts, Readers, Audiences, History**, núm. 13, p. 84-92, 2021. Disponible en: <https://doi.org/10.5325/reception.13.1.0084>

MARC, Isabelle. La recepción de Teoría King Kong, de Virginie Despentes, en España: clubs de lectura y emancipación en la era post #MeToo. **DeSignis: Publicación de la Federación Latinoamericana de Semiótica**, núm. 36, p. 219-235, 2022. Disponible en: <https://rephip.unr.edu.ar/items/88b4f35c-7008-403e-9374-8a47bd4058bf>

MARLASCA GUTIÉRREZ, María Begoña. Taller de lectura para adultos. **Educación y biblioteca**, núm. 35, p. 60-61, 1993. Disponible en: <http://hdl.handle.net/10366/110969>

MARTÍNEZ MARTÍN, Jesús A. La lectura en la España contemporánea: lectores, discursos y prácticas de lectura. **Ayer**, v. 58, núm. 2, p. 15-34, 2005. Disponible en: https://www.revistaayer.com/sites/default/files/articulos/58-1-ayer58_HistoriaLectura_MartinezMartin.pdf

MARTÍNEZ RUS, Ana. La lectura pública durante la Segunda República. **Ayer**, v. 58, núm. 2, p. 179-203, 2005. Disponible en: <https://www.revistasmarcialpons.es/revistaayer/article/view/martinez-la-lectura-en-la-publica-durante-la-segunda-republica/2397>

____. No sólo hubo censura: la destrucción y depuración de libros en España (1936-1948). **Creneida**, núm. 5, p. 35-65, 2017. Disponible en: <https://journals.uco.es/index.php/creneida/article/view/10368/9598>

MATLWA, Kopano. **Coconut**. Elisabet Ràfols-Sagués (Trad). València: Sembra Llibres, 2020. (Obra original publicada en 2007).

MUÑOZ CARRILERO, Raquel; ORIOLA TARRAGÓ, Maria. Biblioteca Francesca Bonnemaison, la biblioteca feminista. **BiD: Textos universitaris de biblioteconomía i documentació**, núm. 44, 2020. Disponible en: <https://bid.ub.edu/es/44/oriola.htm>

NAVARRO ÁLVAREZ, Marina. Talleres de literatura. **Educación y biblioteca**, núm. 35, p. 56-57, 1993. Disponible en: <http://hdl.handle.net/10366/110962>

OLMOS, Alberto. **Contra los clubs de lectura**. El Confidencial, 27 de mayo de 2024. Disponible en: https://blogs.elconfidencial.com/cultura/mala-fama/2024-05-27/contras-clubs-lectura-mujeres-literatura_3889048/

PARDO BAZÁN, Emilia. La mujer española. En: Guadalupe Gómez-Ferrer Morant (Ed). **La mujer española y otros escritos**. Valencia: Universitat de València, 2000.

PÉREZ SAMPER, M. de los Ángeles. Luces, tertulias, cortejos y refrescos. **Cuadernos de Estudios del Siglo XVIII**, núm. 10-11, p. 107-153, 2002. Disponible en: <https://reunido.uniovi.es/index.php/CESXVIII/article/view/12113>

RADWAY, Janice. **A Feeling for Books: The Book-of-the-Month Club, Literary Taste, and Middle-Class Desire**. North Carolina: University of North Carolina, 1997.

REHBERG SEDO, DeNel. Badges of Wisdom, **Spaces for Being: A Study of Contemporary Women's Book Clubs**. Tesis (Doctorado), Simon Fraser University, Canada, Burnaby, 2004. Disponible en: <https://summit.sfu.ca/item/8708>

SCHWEICKART, Patrocínio P. Reading Ourselves: Towards a Feminist Theory of Reading. En: Robyn R. Warhol y Diane Price Herndl (Org.). **Feminisms: an Anthology of Literature Theory and Criticism**. Rutgers UP, 1991, p. 525-550.

SEVILLA MERINO, Diego. La Ley Moyano y el desarrollo de la educación en España. **Hespérides: Anuario de investigaciones**, v. 15, p. 625-640, 2007. Disponible en: <https://www.ugr.es/~fjjrios/pce/media/4a-LeyMoyano.pdf>

TORRES RODRÍGUEZ DE CASTRO, Sara. **Lo que hay**. Barcelona: Penguin Random House, 2022.

VILANOVA RIBAS, Mercedes; MORENO JULIÁ, Xavier. **Atlas de la evolución del analfabetismo en España de 1887 a 1981**. Madrid: CIDE, 1990. Disponible en: https://www.libreria.educacion.gob.es/ca/libro/atlas-de-la-evolucion-del-analfabetismo-en-espana-de-1887-a-1981_146641/

WITTMANN, Reinhard. ¿Hubo una revolución en la lectura a finales del siglo XVIII? En: Guglielmo Cavallo; Roger Chartier (Org.). **Historia de la lectura en el mundo occidental**. Madrid: Taurus, 1998, p. 495-537.

WOOLF, Virginia. **Una cambra pròpia**. Helena Valentí i Petit (Trad.). Barcelona: La Temerària, 2014. (Obra original publicada en 1929).